HARMONIA VOCÁLICA NO DIALETO RECIFENSE

VOWEL HARMONY IN RECIFE DIALECT

Dermeval da Hora¹

Ana Vogeley²

Resumo: *O dialeto do Nordeste brasileiro licencia o uso de vogais médias baixas em posição pretônica, ao contrário do sul e sudeste do país. Isso pode ter implicações, em termos de processos fonológicos. Foram analisadas amostras de fala de 18 indivíduos, 12 crianças, com idades entre 10 meses e 4 anos e 6 adultos, de ambos os sexos. As vogais médias pretônicas, no Nordeste, são produzidas principalmente como vogal média baixa ou alta, ambas resultantes de um processo de redução, ou ainda de harmonia, o que significa dizer que os falantes optaram pelas seguintes variações: média alta → média baixa, média alta → alta, mas raramente produziram como média-alta, empregada apenas em contextos fonológicos muito específicos, ocorrendo apenas em casos de média-alta vogais em sílaba seguinte. O uso dessas três variantes (alta, média-baixa e média-alta) sugere uma forte tendência para a harmonia vocálica nesse dialeto.*

Palavras-chave: *vogais médias pretônicas; harmonia vocálica; dialeto nordestino.*

Abstract: *The Brazilian Northeast dialect licenses the use of lower middle vowels in pretonic position, unlike the south and southeast. This may have implications for the effects, in terms of phonological processes. Speech samples were analyzed for 18 subjects, 12 children, aged between 10 months and 4 years, and 6 adults, of both sexes. The middle pretonic vowels, in northeastern dialect, are produced primarily as a middle-low or as high vowel, as /i/ and /u/, both resulting from a reduction process, such as harmony, which means that the participants opted for variations: middle → high or middle → middle low vowel, but rarely produced as middle-high. These ones were only made in super conditioning contexts, occurring only in cases with middle-high vowels in following syllable. The use of these three variants (high, middle-low and middle-high) suggests a strong tendency to vowel harmony in this dialect.*

Keywords: *middle unstressed vowels, vowel harmony; northeastern dialect.*

¹ Professor da UFPB e Pesquisador do CNPq.

² Professora da Universidade Federal da Paraíba.

Introdução

Em seu clássico trabalho sobre a estrutura do português brasileiro (PB), Câmara Jr. (1970), a partir do falar carioca, apresenta uma descrição do sistema vocálico, analisando a diferenciação existente entre os quadros de vogais, segundo sua tonicidade. Observando as diferentes possibilidades do sistema vocálico, são as médias pretônicas as mais suscetíveis a sofrerem alterações. É delas, pois, que tratará este artigo.

Em relação aos processos fonológicos, cujo alvo são as vogais médias pretônicas, destacam-se a neutralização, a harmonia vocálica e a redução.

A neutralização é caracterizada pela perda de contrastes ou oposições no sistema, como no caso do item lexical 'morango', que, embora possa receber pronúncias com a média baixa 'm[o]rango' ou com a média alta 'm[o]rango, essas diferenças não acarretam oposições em termos fonológicos. A harmonia vocálica é um processo pelo qual as vogais assumem traços de segmentos vizinhos, ou seja, assimilam a altura da vogal alta da sílaba seguinte, como em p[e]pino > p[i]pinu, c[o]ruja > c[u]ruja. A redução vocálica é um processo que implica economia articulatória determinada pela consoante adjacente, desencadeando a elevação. (VOGELEY E HORA, 2008, p.11).

Essa possibilidade de variação tem sido foco de estudos para distinguir os limites ou as fronteiras de dialetos regionais. Em geral, esses estudos reforçam a ideia de que, no Brasil, esses fonemas recebem uma pronúncia predominantemente fechada (média) nas regiões Sul-Sudeste, enquanto no Nordeste prevalece uma realização mais aberta (baixa), além de ser também um dos fatores de diferenciação entre as variedades linguísticas brasileira e portuguesa.

De acordo com Matzenauer (2008), considerando que o inventário de vogais da língua é alterado em posição pretônica, configurando-se com cinco segmentos, o sistema vocálico pretônico demonstra perda da oposição fonológica entre as vogais médias altas e baixas, conforme mostra (a). No entanto, o dialeto recifense apresenta um sistema pretônico que permite a realização das médias baixas, como pode ser observado em (b), visto que as médias altas /e/ e /o/ ocorrem apenas em caso de harmonia, ou seja, quando existe uma média alta na sílaba tônica:

Figura 1

Os dados de falantes do dialeto nordestino, especialmente de crianças, podem evidenciar que há o reconhecimento de que o sistema (b), do dialeto recifense, licencia o emprego de vogais médias baixas em posição pretônica, diferente do dialeto do sudeste ou do dialeto gaúcho. Isso pode trazer implicações, em termos de processos fonológicos.

Essa hipótese é fortalecida pelo estudo de Hora e Vogeley (2008) sobre as vogais médias pretônicas no dialeto recifense. Os autores mostram que as médias baixas são muito mais produtivas do que as médias altas independentemente de idade ou sexo. Ao serem considerados os fatores que favorecem ou não o uso de cada vogal, constata-se que elas são realizadas, prioritariamente, como baixas, em casos de neutralização e, mais comumente, como efeito de harmonia, ou são realizadas como altas, podendo envolver um processo de elevação ou de harmonia vocálica, o que significa dizer que os falantes optam pelas variações média → alta ou média → média baixa, mas, raramente, realizam a média alta. As médias altas só são realizadas em contextos facilitadores específicos, quando, por exemplo, a vogal da sílaba seguinte é uma média fechada, como em “sorvete” – s[o]rv[e]te e “cebola” – c[e]b[o]la.

A análise a ser desenvolvida neste artigo será fundamentada nos seguintes pressupostos: (a) de que a variação das vogais médias pretônicas é inerente ao sistema linguístico, como postula o modelo variacionista laboviano (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006); (b) de que a variação também integra o processo de aquisição (ROBERTS, 2002).

Em se tratando da análise fonológica propriamente dita, o modelo a ser adotado é o da Teoria da Otimalidade (MCCARTHY, 1993; PRINCE; SMOLENSKY, 1993). Esse modelo dará conta da comparação interdialetoal entre os dados discutidos por Lee e Oliveira (2003) e os dados do dialeto pernambucano, especialmente os da harmonia vocálica.

Para dar conta desta proposta, assim está estruturado o artigo: inicialmente, será apresentada a metodologia que possibilitou o levantamento dos dados e seu tratamento; em seguida, será apresentada a análise e discussão dos resultados.

Metodologia

O presente estudo foi submetido à análise do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, conforme determina a resolução N.º 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. A pesquisa foi aprovada sob o n.º 050/2009.

Trata-se de uma investigação de campo, de caráter transversal. A amostra é constituída por dados de fala de 18 sujeitos, sendo 12 crianças e 6 adultos, de ambos os sexos. As doze crianças se distribuem na faixa etária 0;10;19 a 4 anos. Os seis adultos, que constituem o *target* de aquisição, são oriundos de um estudo prévio de Vogeley; Hora (2008) sobre o emprego das vogais pretônicas no dialeto de Recife.

A coleta de dados ocorreu em duas etapas:

- a) Levantamento do perfil sócio-econômico e psicossocial das crianças, a partir de um questionário psicossocial (QUEIROGA et al., 2008), que continha questões sobre a escolaridade e naturalidade dos pais, renda familiar, escola, locais que a criança frequenta, atividades culturais e dados sobre quem passa a maior parte do tempo com a criança.
- b) Procedimento de eliciação de fala (dirigida): foi feita uma atividade de nomeação, através de um instrumento com 86 vocábulos balanceados, conforme as variáveis envolvidas no estudo. Foram consideradas, ainda, na seleção das palavras, as possibilidades de neutralização, de elevação e de harmonia vocálica.

Os dados de fala (tanto os das crianças, como os dos adultos), após transcrição e codificação, foram submetidos às análises qualitativas e quantitativas. Em relação à abordagem qualitativa, a análise dos questionários foi feita com base na categorização das respostas sobre: naturalidade dos pais e/ou cuidadores, naturalidade da criança, escolaridade dos pais e das crianças, idade, além de outros dados sociolinguísticos que poderiam ser utilizados, se necessários. A parte quantitativa diz respeito à análise variacionista. Dessa forma, os dados (tanto os linguísticos, obtidos na eliciação de fala, quanto os extralinguísticos, obtidos mediante o questionário) foram submetidos ao GOLDVARB 2001 para o tratamento estatístico. Para tanto, foram estabelecidas as variáveis dependente e as independentes. Como variável dependente, consideram-se três possibilidades de realização das vogais médias pretônicas no dialeto nordestino. Assim ela está configurada:

- Alta – as médias /e/ e /o/ são produzidas como [i] e [u], respectivamente, como em m[i]nino.
- Média baixa – as médias são produzidas como médias baixas, como ocorre em m[E]lancia.
- Média alta – as médias são produzidas como médias fechadas [e] e [o], como em t[e]lhado e r[e]cife.

Como variáveis independentes, distribuídas entre linguísticas e extralinguísticas, foram controladas enquanto linguísticas: (a) vogal da sílaba seguinte; (b) contexto fonológico seguinte; (c) contexto fonológico precedente; (d) contiguidade da pretônica em relação à tônica. Quanto às variáveis extralinguísticas, foram controladas as variáveis sexo e idade.

Análise e discussão dos resultados

Com base na regra default de neutralização das médias pretônicas desenvolvida por Wetzels (1992), é possível pensar uma subespecificação para as médias pretônicas do PB em relação ao traço [aberto 3], no que se refere à representação subjacente. No dialeto recifense e, de uma maneira geral, nordestino, para as vogais médias pretônicas, há especificação para [+aberto 3], o que privilegia o emprego das médias baixas, enquanto que, no dialeto do sul do país, ocorre especificação para [-aberto 3], como demonstrado em (1):

(1)

Subjacente	Derivada
/O/	[o] → [-aberto 3] – dialeto do Sul
[aberto3]	[ɔ] → [+aberto 3] – dialeto do Nordeste
/E/	[e] → [-aberto 3] – dialeto do Sul
[aberto 3]	[ɛ] → [+aberto 3] – dialeto do Nordeste

Sobre a análise quantitativa

Foram selecionadas como significativas as seguintes variáveis, todas estruturais ou linguísticas: vogal da sílaba seguinte, contexto fonológico seguinte e contexto fonológico precedente. Estes serão, pois, os contextos que serão analisados nas seções a seguir.

Como pode ser observado, nenhuma variável social foi selecionada. Esses resultados ratificam estudos anteriores sobre a variação das vogais médias pretônicas (BISOL, 1981; SILVA, 1989; YACOVENCO, 1993; PE-REIRA, 1997; MARQUES, 2006).

Vogal da sílaba seguinte

Levando em consideração que a vogal da sílaba seguinte é o fator inter-no mais determinante no uso da variante alta das médias pretônicas (BI-SOL, 1989), e na intenção de conhecer os contextos seguintes favorecedores à realização como média baixa, média alta ou como alta, foi controlado o efeito dessa vogal. A Tabela 1 apresenta os resultados obtidos.

VOGAL SEGUINTE		Média Alta	Média Baixa	Alta	Total	%
Baixa	N	15	176	68	259	24
	%	5	67	26		
Nasal	N	1	127	60	188	17
	%	0	67	31		
Média Alta	N	143	2	147	292	27
	%	48	0	50		
Média Baixa	N	1	115	42	158	14
	%	0	72	26		
Alta	N	42	1	118	161	15
	%	26	0	73		
Total	N	202	421	435	1058	
	%	19	39	41		

*Resultado distribucional (No Recode)

Tabela 1. Frequência das pretônicas de acordo com a vogal da sílaba seguinte

Como pode ser observado, foi mais frequente o uso da variante média baixa (N=421) e, também, da variante alta (N=435), que pode ter sido decorrente tanto de um processo de redução vocálica, como de harmonia, havendo poucos casos de ocorrência da média alta (N=202), esse caso ocorrendo apenas quando condicionado por uma vogal média alta na sílaba seguinte, como demonstra a Tabela 2.

Emprego da média pretônica	N	%
Alta	435	41
Média baixa	421	39
Média alta	202	19
Total	1058	100

Tabela 2. Frequência das variantes das vogais médias pretônicas.

Isso significa dizer que esses falantes privilegiam o uso da pretônica baixa e da forma elevada, como nas produções realizadas sempre com a pretônica média baixa, como em (2):

(2)

ele'fâti	ko'la	ʃoko'lati	ve'sari"
tele'vi'zã"	pe'zada	zoh'na"	vio'lã"
meã'sia	selu'la	pe'fumi	te'kadu
so'fa	le'ga"	he'logi"	miko'fõni
síde'lela	bo'lada	piko'le	pe'zêti
po'pota	mo'lãgu	tele'fõni	

e das palavras em (3), que foram sempre realizadas com vogal alta, tanto nos casos de redução, como de harmonia vocálica:

(3)

pu'lisha	iʃ'tea	iʃ'peʃu
tu'mati	mi'tia	iʃ'kada
ku'uza	pi'kênu	mu'segu
vi'tidu	zu'eʃu	
mi'nina	fu'getr	

Considerando que a 'competição' foi maior entre o emprego das médias baixas e das altas, foi realizada uma análise de significância entre essas duas formas linguísticas concorrente, cujos resultados estão na Tabela 3.

Vogal Seguinte	Média Baixa	Alta
Nasal	.86	.14
Média alta	.02	.98
Baixa	.87	.13
Média baixa	.81	.19
Alta	.02	.98

*Binomial up and down

Tabela 3. Emprego da variante alta x média baixa em relação à vogal seguinte

Como se pode observar nas Tabelas 1 e 3, o emprego das vogais médias pretônicas baixas foi mais produtivo quando havia uma vogal baixa na sílaba seguinte (N=176), com peso relativo $P = .87$. Isso quer dizer que, das 421 ocorrências da vogal média pretônica baixa, 176 ocorrências foram diante de uma vogal baixa. Os outros dois contextos vocálicos seguintes mais favoráveis ao emprego da média baixa pretônica foi a vogal nasal seguinte

(N= 127, P= 86) e a vogal média baixa seguinte (N= 115, P= .81). Ou seja, das 421 ocorrências da vogal média pretônica baixa, 127 foram seguidas de uma vogal nasal e 115 foram seguidas de uma média baixa.

A nasalidade da vogal seguinte mostrou-se um contexto fonológico favorável ao emprego da média baixa e isso merece uma atenção em estudos futuros, no sentido de observar se apenas a baixa nasal interfere, caracterizando um processo de harmonia, ou se é mesmo o traço [+nasal] que engatilha a média baixa, como aparece em ‘melancia’, ‘perfumê’, ‘presente’ e ‘morango’.

De uma maneira geral, o emprego da média baixa foi determinado, além da interferência da nasal, pela presença da vogal baixa /a/ ou de uma média baixa na sílaba seguinte, como já foi referido anteriormente na análise distribucional, como nas palavras ‘cocada’, ‘bolada’, ‘telefone’, ‘picolé’ e ‘teclado’. Pode-se, com base nisso, afirmar que o emprego da vogal média baixa em posição pretônica é condicionado pela vogal baixa, média baixa e nasal seguinte, podendo estar relacionada, também a um processo de harmonia vocálica.

Poucos foram os casos em que houve variações entre as médias baixas e

Vermelha → veh' meʃa

Sorvete → so' vetɾ

Repolho → he' poʃu

Ovelha → o' veʃa

Telhado → te' ʃadu

Borboleta → bohbo' leta, bohbo' leta

Leão → le' ǎ*, le' ǎ*

Embora os falantes usem, sistematicamente, as médias baixas, e as vogais altas, em posição pretônica, apareceram algumas poucas formas com a média alta, mas sempre como resultado de harmonia.

O emprego da vogal média alta em posição pretônica foi bem menos frequente, com apenas 202 ocorrências, o que equivale apenas a 19% das ocorrências totais das vogais médias pretônicas. O uso da média alta pretônica mostrou-se ser condicionado pela vogal média alta seguinte (N=143). Isso quer dizer que, do total de 202 ocorrências para a vogal média alta, 143 foram seguidas de vogal média alta.

O uso da média alta foi condicionado por processo de harmonia com a vogal média alta na sílaba seguinte, com frequência de 48%, como no caso das palavras ‘sorvete’, ‘repolho’, ‘vermelho’ e ‘cebola’, nas quais não houve variação, com 100% de ocorrências para a média alta.

Os únicos casos em que a vogal baixa /a/ apareceu como fator condicionante da realização da média fechada foi na palavra ‘telhado’, visto que todas as produções encontradas mantinham a pretônica fechada [tʃ]lhado’.

No entanto, ocorreu apenas nessa palavra, já que todas as crianças produziram 't[E]clado e 's[O]fá. Isso pode ser justificado ou pela presença da líquida palatal (WETZELS, 1992) ou pela etimologia da palavra 'telhado', que tem uma estrutura derivada morfologicamente da palavra 'telha', preservando-se, assim, a vogal média fechada, ainda que diante de uma vogal baixa.

De acordo com Schwindt (1995; 2002), o processo de harmonia vocálica, assim como outros processos vocálicos, pode ser motivado por questões de ordem morfológica. Mas, para observar esse tipo de motivação, seria importante identificar contextos de palavras complexas (prefixadas, sufixadas, compostas ou derivadas) que tivessem, na forma primitiva, uma vogal média alta, como /e/ e /o/, que inibisse, por exemplo, o emprego da média baixa ou o alçamento, como no caso de 'telhado'. No entanto, com base nos fatores escolhidos pelo programa como significativos, acredita-se que o emprego dessa vogal média alta pretônica, nesse contexto, observa-se um processo de ordem fonológica, a partir das ligações múltiplas da líquida palatal, provocando espraçamento, conforme a proposta de Wetzels (1992).

Como foi dito anteriormente, as variantes mais empregadas, envolvendo o comportamento variável das vogais médias pretônicas, foram as médias baixas e as altas, sendo quase equiparadas, com uma pequena diferença de maior ocorrência para a elevação (N= 435).

É interessante observar que, como esperado, as produções das altas, em posição pretônica, no processo de elevação ou de harmonia, foram frequentes quando respectivamente acompanhadas de uma vogal média alta (N= 147, P= .98) ou de uma vogal alta (N=118, P= .98), na sílaba seguinte, como nos casos de orelha (u'relha), polícia (pu'lisia) e pepino (pi'pinu). Isso indica que, das 435 ocorrências de vogais altas em posição pretônica, houve 147 ocorrências seguidas de vogal média alta e 118 ocorrências seguidas de vogal alta, como se pode observar nos exemplos em (5):

(5)

vi'tidu
ku'uza
i'kulu
mi'nina
fu'miga
mu'jila

mi'tira
pi'pinu
ku'ziga
i'peju
i'kova
ti'zoa

zu'efu
fu'geti
pi'kênu

Assim, a aplicação da regra de alteamento ou elevação foi condicionada, na maioria das vezes, pelo processo de harmonia vocálica, como ocorre

em ‘p[e]rigo’ > ‘p[i]rigo’. Mas, além dos casos motivados pela vogal alta seguinte, caracterizando processos de harmonia vocálica, houve também casos de elevação, seguidos de vogal média alta e até mesmo de vogal baixa, como em (6):

(6)

tu'matɪ	bu'laʃa	i'kova
bu'aʃa	vio'lãʷ	ti'zoa
tru'vãʷ	tu'aʃa	zu'eʃu
fu'gãʷ	bu'neka	fu'getɪ
ku'lɛ	iʃkohpi'ãʷ	pi'kênu
iʃ'kola	i'peɻu	

Esses casos podem ter motivações diferentes, considerando, por exemplo, a consoante seguinte e a consoante precedente. Diferente da harmonia vocálica, esses casos podem caracterizar um processo de redução vocálica, com outros condicionamentos de natureza fonética. Na palavra ‘b[u]lacha’, por exemplo, observa-se a interferência da consoante bilabial no alteamento da média pretônica. Os casos de ‘[i]spelho’ e ‘[i]scova’ justificam-se pela presença da alveolar /S/ seguinte. Esses casos de elevação não são vistos como resultado de harmonia, mas da interferência da consoante adjacente.

É importante destacar que, na palavra “borboleta”, houve o emprego da pretônica média baixa, bem como da média alta, havendo, assim, a possibilidade de aparecerem formas concorrentes, com a média baixa e com a média alta. No entanto, vale salientar que sempre que a pretônica era realizada como média baixa, a pré-pretônica também o era, assim sempre funcionando em conjunto as pretônicas, não aparecendo, portanto as formas *boh[bɔ]leta ou *b[ɔ]hbo'leta. O mesmo aconteceu nas palavras ‘elefante’, ‘telefone’ e ‘chocolate’, embora com uma diferença em relação à ‘borboleta’, visto que todos esses outros vocábulos receberam uma pronúncia estritamente aberta. Nesses casos, quando a regra de harmonia é aplicada, o fenômeno ocorre em cadeia, até a borda esquerda da palavra. Pode-se pensar que isso revela a representação da pretônica como um *chunk*, ao invés de duas sílabas pretônicas independentes, ou como duas sílabas, aplicando duas vezes a mesma regra de forma encadeada.

O caso da realização da média baixa em todas as médias pretônicas das palavras ‘telefone’, ‘chocolate’, ‘televisão’ trata-se de uma aplicação iterativa, cujo espreamento de abertura da tônica se faz escaneando vogal por vogal, procurando uma possível hospedeira. Assim, um alvo não pode ser

pulado, o que explica a não ocorrência de dados como: *t[E]levisão. Vale destacar que não há possibilidade de uma das médias pretônicas ser baixa e a outra alta, no sentido de o processo fonológico atingir as pretônicas em conjunto, como um processo de Harmonia Vocálica em cadeia.

Contexto fonológico seguinte

A consoante seguinte constitui uma variável importante no estudo das vogais médias pretônicas, o que é ratificado pela sua seleção como um dos grupos mais significativos.

CONSOANTE SEGUINTE		Média Alta	Média Baixa	Elevada	Total	%
Fricativa [+coronal]	N	39	39	128	206	19
	%	18	18	62		
Fricativa [-coronal]	N	36	88	36	160	15
	%	22	55	22		
Plosivas e nasais [-coronal]	N	33	14	23	70	6
	%	47	20	32		
Vogal	N	5	51	34	90	8
	%	5	56	37		
Plosiva [+dorsal]	N	3	38	46	87	8
	%	3	43	52		
Apagamento	N	43	71	88	202	19
	%	21	35	43		
Plosivas e nasais [+coronal]	N	16	15	44	75	7
	%	21	20	58		
Líquida	N	27	105	36	168	15
	%	16	62	21		
Total	N	202	421	435	1058	
	%	19	39	41		

*Resultado distribucional (No Recode)

Tabela 4. Frequência das pretônicas de acordo com o contexto seguinte

Como se pode observar na Tabela 4, as líquidas constituem um forte condicionamento no uso da média baixa pretônica ($P = .76$). Esse condicionamen-

to também foi verificado em pesquisa com adultos, sobre a variante falada no Rio de Janeiro, como revelam os resultados do estudo de Callou e Leite (1986).

Em (7) são apresentados exemplos de realização da média baixa, quando o contexto fonológico seguinte é uma líquida.

(7)

mo'rāgu
kola'ā^w
he'lozi^w
selu'la
ko'la

ele'fātr
melā'sia
televi'zā^w
bo'lada

A outra classe de consoantes que foi favorável à realização da pretônica como média baixa foi a das fricativas [-coronal], como em 'sofá' e 'novela'. Este estudo ratifica os achados de Yacovenko (1993) sobre as velares como condicionantes, visto que a classe das plosivas [+dorsal] motivou o alçamento ou a elevação. Nessa classe estão as plosivas velares /k, g/, como em 'p[i]queno', 'f[u]gão' e 'f[u]guete'.

Conforme a Tabela 4, as consoantes que também favoreceram a elevação foram as [+coronal] (N=128, P=.69), nas quais se encaixam as consoantes /s/, /z/, /ʃ/ e /ʒ/, em consonância com os estudos de Pereira (1997). Alguns exemplos desses condicionamentos estão listados em (8):

(8)

a. mu'ʃila
ti'zora

b. iʃ'tada → i'tada
iʃ'kada → i'kada
iʃ'peʎu → i'peʎu
iʃ'kola → i'kola
iʃ'kova → i'kova
iʃ'tela → i'tela
iʃku'egu → iku'egu
viʃ'tidu → vi'tidu
iʃ'kuru → i'kuru
iʃ'pīgu → i'pīgu
iʃkopi'ā^w → ikopi'ā^w

Os exemplos em (b) revelam a tendência à elevação da vogal média coronal pretônica em início de palavra, seguida de fricativa coronal. Essa tendência pode ser formalizada a partir de uma regra fonológica, uma vez que se mostrou categórica.

Assim, em relação ao processo de elevação por redução, o tipo de sílaba mais favorecedor foi o CV/S/ e o V/S/, como o esperado, uma vez que a coda realizada como palatal, na cidade do Recife, condiciona mais ainda a aplicação da regra de alteamento. Esse fenômeno foi evidente na amostra em palavras como [i]strada, [i]scada, [i]spelho, [i]scuro, [i]strela, [i]spinho, [i]skola, [i]scova e [i]scorpião.

A realização da média alta teve relação com as fricativas na sílaba seguinte, sejam [+coronal] (N= 39), sejam [-coronal] (N= 36) e, principalmente, com o processo de apagamento (N= 43), embora este tenha sido mais favorecedor à elevação (N=88). No entanto, poucos foram os casos de realização da média alta, como em (9):

(9)

re'viʃta
so'vetɪ
ʒe'zuʃ

ve'meʃa
te'adu
bobo'eta

Comparação da variação interdialetoal

Para fins comparativos, no sentido de ser feita uma análise da variação interdialetoal, optou-se por utilizar, como base, a análise de Lee e Oliveira (2003) e Lee (2009) sobre a variação de vogais médias pretônicas, explicada em termos das restrições da Teoria da Otimalidade. Os autores sugerem que, na posição pretônica, há dois tipos de neutralização - a que muda vogais médias para vogais médias altas e a que muda vogais médias para vogais médias baixas. O primeiro tipo de neutralização é o que ocorre no dialeto paulista e gaúcho, por exemplo, onde é privilegiada a pronúncia com a média alta. O segundo tipo refere-se à neutralização observada nos dialetos do Nordeste, como no baiano, nos quais é privilegiado o emprego das médias baixas.

Com base nos dados deste estudo, observa-se que o dialeto recifense privilegia o emprego das médias baixas e das vogais altas. As primeiras, enquanto resultado de neutralização e de harmonia vocálica e, as segundas, enquanto efeito de harmonia e de redução. Acredita-se que, nas outras cidades do Nordeste, as vogais médias pretônicas podem ter um comportamento variável semelhante, como mostram os estudos de Lee e Oliveira (2003) e Lee (2009).

No dialeto recifense, o emprego da média baixa pretônica trata-se de um fenômeno de neutralização do tipo **e/o* (**[-aberto3]*), pelo qual devem ser evitadas as médias altas, como também ocorre no dialeto baiano, investigado por Lee e Oliveira (2003). Dessa forma, pode-se pensar no emprego das formas médias baixas como processo de neutralização. Por outro lado, questiona-se: será que o emprego da média baixa pretônica não seria resultante, também, de um efeito assimilatório? Não seria um caso de harmonia vocálica diferente daquele desencadeado por uma vogal alta na sílaba seguinte?

Vale ressaltar a premissa de Lee e Oliveira (2003) de que a neutralização das médias pretônicas é válida tanto para o caso do dialeto nordestino, no qual as médias são realizadas, preferencialmente, como médias baixas, como para outros dialetos, como o paulista e o gaúcho, por exemplo, que só permitem, nessa posição, cinco vogais. Adota-se, aqui, o modelo baseado em restrições, para trazer a discussão já levantada por Lee e Oliveira (2003), acerca dessa comparação interdialetoal.

Para esses casos, eles propõem a restrição de marcação **e/o* ou **[-aberto3]*, para o dialeto nordestino, e **E/O* ou **[+aberto3]*, para o dialeto paulista, uma vez que o destino das vogais médias pretônicas, nesse dialeto, é determinado pela neutralização vocálica. No dialeto recifense, ocorrem processos de neutralização, de harmonia e de redução vocálica, conforme os ranqueamentos:

Neutralização: **[-aberto3]* >> IDENT (HEIGHT) >> IDENT (ATR)
>> **MID*

Redução Vocálica: **MID* >> IDENT (HEIGHT)

Harmonia vocálica: AGREE >> IDENT (HEIGHT)

Isso quer dizer que o dialeto recifense neutraliza com base na restrição de marcação **e/o*, aplica harmonia vocálica, a partir do ranqueamento da restrição de fidelidade AGREE, e aplica redução vocálica, com base na restrição de marcação **MID*:

(a) Neutralização: *[-aberto3] >> IDENT (HEIGHT) >> IDENT (ATR) >> *MID

/elefaNte/	IDENT(HEIGHT)	*[-aberto3]	IDENT (ATR)	*MID
a. ele'fāti		***		**
b. ili'fāti	***			
☞ c. εle'fāti			**	**
/melaNsia/	IDENT(HEIGHT)	*[-aberto3]	IDENT (ATR)	*MID
a. melā'sia		*!		*
b. milā'sia	*!			
☞ c. mεlā'sia			*	*
/telefone/	IDENT(HEIGHT)	*[-aberto3]	IDENT (ATR)	*MID
a. tele'fōnI		***		**
b. tili'fōnI	***			
☞ c. tεle'fōnI			**	**
/selulaR/	IDENT(HEIGHT)	*[-aberto3]	IDENT (ATR)	*MID
a. se'lular		*!		*
b. silu'lar	*!			
☞ c. sεlu'lar			*	*

(b) Redução Vocálica: *MID >> IDENT (HEIGHT)

/tomate/	MID	IDENT(HEIGHT)
☞ a. tu'mati		*
b. to'mati	*!	

(c) Harmonia vocálica: AGREE >> IDENT (HEIGHT)

/novela/	AGREE	IDENT(HEIGHT)	IDENT (ATR)
☞ a. no'vela			*
b. no'vela	*!		
/sofa/	AGREE	IDENT(HEIGHT)	IDENT (ATR)
☞ a. so'fa			*
b. so'fa	*!		
/teclado/	AGREE	IDENT(HEIGHT)	IDENT (ATR)
☞ a. te'kladu			*
b. te'kladu	*!		
/pikole/	AGREE	IDENT(HEIGHT)	IDENT (ATR)
☞ a. piko'le			*
b. piko'le	*!		

De acordo com Lee e Oliveira (2003), enquanto o dialeto paulista não permite variação, este estudo observou que o dialeto recifense permite variação, tendo como gatilho a tríade: harmonia vocálica, a redução e a neutralização (*e, o). No entanto, embora seja possível traçar um ordenamento para o dialeto recifense, como se trata de variação das vogais médias pretônicas, o quadro não é fixo.

Foram acrescentados, então, ao quadro de Lee e Oliveira (2003), os dados do dialeto recifense. O Quadro 1 mostra as alternâncias das vogais médias pretônicas discutidas pelos autores, adaptado para os resultados encontrados nesta presente investigação:

	Paulista	Mineiro	Alagoas/Ceará	Baiano	Pernambucano
Marcação	*E/O	*E/O	*e/o	*e/o	*e/o ou *[-aberto3]
Harmonia (AGREE)	Não aplica	Aplica	Aplica	Não aplica	Aplica
Redução (*MID)	Não aplica	Aplica (parcial)	Aplica	Aplica	Aplica
Variação	Não aplica	Sim (gatilho: redução e neutralização)	Sim (gatilho: redução)	??	Sim (gatilho: HV, redução e neutralização)
Ordenamento	Neutralização >> Fidelidade >> Redução >> Harmonia	Harmonia >> Neutralização >> Redução >> Fidelidade	Harmonia >> Neutralização >> Redução >> Fidelidade	Neutralização >> Redução >> Fidelidade >> Harmonia	Harmonia >> Redução >> Neutralização >> Fidelidade

Quadro 1. Análise interdialetal, adaptado de Lee e Oliveira (2003)

A harmonia relacionada ao processo AGREE, faz com que as vogais médias copiem o traço [aberto], fazendo com que as médias pretônicas concordem ou se harmonizem com as vogais seguintes. O ranqueamento dessas restrições varia de acordo com os dialetos. No dialeto paulista, por exemplo, conforme foi apontado por Lee e Oliveira (2003), Fidelidade(Ident) >> harmonia, não permitindo alternâncias, o que resulta numa “preservação” das formas do input ou da representação subjacente.

Por outro lado, ocorrem alternâncias fonológicas quando Marcação >> Fidelidade, como acontece em alguns dialetos do Nordeste, no cearense e no recifense, por exemplo. Assim, quando Harmonia >> Fidelidade, o traço [aberto] das vogais médias pretônicas sempre coincidem com as vogais médias da sílaba tônica, é o que ocorre no dialeto investigado nesta pesquisa.

Desde cedo, as crianças hierarquizam Harmonia >> Fidelidade, adotando as formas dialetais, em termos de vogais médias pretônicas. A partir desse ranqueamento, o traço [aberto] das vogais médias pretônicas coincide sempre com o das vogais da sílaba tônica, ocorrendo harmonia tanto entre vogais altas, tal qual o caso clássico apontado por Bisol (1981), como na palavra /pepino/ - [pi'pinu], entre vogais médias (e baixas), nas palavras: pesada - [pE'zada], sofá - [sO'fa], bolada - [bO'lada], por exemplo.

A harmonia ocorreu a partir da assimilação do traço [+aberto3], presente tanto na vogal baixa, como na média baixa da sílaba tônica, como em relógio - r[E]lógio, picolé - pic[O]lé e cinderela - cind[E]rela. Vale, ainda, destacar a harmonia entre as médias altas, no qual coincide, também, o traço da média alta com o da média alta seguinte. São os casos de sorvete, cebola, ovelha e repolho. Configura-se, assim, uma forte tendência à harmonia vocálica, no dialeto recifense, desde o início, na aquisição fonológica.

Seguido da harmonia vocálica, e, também, reforçando a tendência assimilatória envolvendo as médias pretônicas no dialeto recifense, ocorre o processo de redução vocálica, no qual as vogais médias pretônicas são realizadas como vogais altas, por interferência de consoantes adjacentes, como no caso das bilabiais e da coda /S/ seguinte: b[u]chehca, b[u]lacha, b[u]rracha, t[u]mate, [i]spelho.

Considerações finais

Dos processos fonológicos que envolvem as vogais médias pretônicas, no dialeto recifense, o mais comum é o de assimilação, tanto em relação à harmonia vocálica, como à redução, com menor ocorrência em relação à harmonia. Assim, são de natureza assimilatória a elevação por redução e, na maioria dos casos, o emprego da média baixa por harmonia. O processo de neutralização foi comum, mas foi observado que a neutralização adotada no dialeto recifense é a que evita /e/ e /o/ (*e,o), como em 'p[ɛ]rfume' e 't[ɛ][ɛ]fone', diferente dos dialetos do sul do país.

Em relação ao comportamento variável das médias, os informantes optaram pelas variações: média→alta ou média→ média baixa, mas, dificilmente, realizaram a média alta, ocorrendo apenas em casos com ambientes super favoráveis, como na palavra 'sorvete'. A realização da média fechada só ocorreu diante de vogais médias altas na sílaba seguinte. Esse foi o contexto mais favorável, como no caso da palavra sorvete, repolho, ovelha e cebola. Isso significa dizer que o uso da média alta resulta de aplicações de regras, sejam de assimilação por harmonia vocálica, como em 'sorvete' e 'vermelho', sejam de assimilação por ligações múltiplas, como em 'telhado', ou por casos de item lexical congelado, como em 'Recife'.

Percebe-se que o caso de variação vocálica observado, nesse estudo, trata-se de uma variabilidade do sistema que está refletida geograficamente (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006), mais do que um caso relacionado aos fatores idade, sexo ou perfil sociocultural.

Esses resultados podem trazer alguma contribuição em relação a questões nucleares e teóricas da fonologia, como a proposta de representação

subjacente com subespecificação das médias pretônicas, permitindo uma representação diferenciada em termos dialetais (VOGELEY, 2011).

Destaca-se, ainda, a necessidade de estudos que busquem o mapeamento de outras cidades do Nordeste, não apenas em relação à variação desse sistema, mas em termos de aquisição vocálica, principalmente, no que se refere às médias pretônicas. Será que os outros estados do Nordeste apresentam o mesmo padrão de variação e de aquisição que o observado neste estudo sobre o dialeto recifense?

Vale, ainda, destacar a necessidade de serem repensados os modelos teóricos e as análises dos dados fonológicos. Será que os modelos formais da fonologia são suficientes nessas análises? O problema não se resolve apenas nas inovações que os modelos formais trazem, mas na interface desses modelos com paradigmas funcionais. Não podem ser deixados de lado os aspectos sociais e culturais envolvidos na fonologia. Portanto, não é prudente realizar análises fonológicas lançando mão somente de teorias socialmente agnósticas e de modelos estritamente formais.

BIBLIOGRAFIA

- BATTISTI, E. e VIEIRA, M. J. B. O sistema vocálico do português. In: BISOL (org.). Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- BISOL, L. Harmonização Vocálica. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ. Dissertação de mestrado, 1981.
- BISOL, L. Vowel Harmony: a variable rule in Brazilian Portuguese. *Language, variation and Change*, V. 01. Cambridge University Press, p. 185-198, 1989.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LEE, S. H.; OLIVEIRA, M. A. Variação Inter- e Intra-Dialetal no Português Brasileiro: Um Problema para a Teoria Fonológica. In: OLIVEIRA, D. H.; COLLISCHONN, G. (Org.). *Teoria Linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa, 2003, p. 67-91.
- LEE, S. H. Contraste das vogais no PB e OT. In: *Seminário do Gel*, 57. Ribeirão Preto: GEL, 2009. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/?resumo=6033-09>>. Acesso em: 10.08. 2009.
- MARQUES, S. M. O. As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal. 2006. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

- MATZENAUER, C.L.B. A sensibilidade das vogais médias pretônicas no processo de aquisição do português brasileiro. In: XV Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina - ALFAL, 2008, Montevideu. Libro de Resúmenes - XV Congreso Internacional de la Asociación de Linguística y Filología de América Latina ALFAL. Montevideo: Universidad de la República, 2008. v. 1. p. 271-271.
- MATZENAUER, C.L.B. Sobre as vogais médias pretônicas na aquisição do português brasileiro. Revista ORGANON, UFRGS, 2009.
- PEREIRA, R. C. As vogais médias pretônicas na fala do pessoense urbano. 1997. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: UFPB / CCHLA / Curso de Pós-Graduação em Letras, 1997.
- QUEIROGA, B. A. M. et al. Aquisição do rótico em posição de coda medial por crianças recifenses falantes do português não padrão. In: Congresso Internacional de la Asociación de Linguística y Filología de América Latina. 15, 2008, Montevideo. Anais... Montevideo: ALFAL.
- ROBERTS, J. Child language variation. In: CHAMBERS, J.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.), The Handbook of Language Variation and Change. Oxford: Blackwell, 2002.
- SCHWINDT, L. C. A Harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista. 1995. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.
- SCHWINDT, L. C. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. R. (Org.) Fonologia e Variação: recortes do Português Brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 161-182.
- SILVA, M. B. As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador. 1989. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989.
- VOGELEY, A.C.E.; HORA, D.O. Aquisição das vogais médias pretônicas. In: XV Congresso Internacional de la ALFAL, 2008, Montevideo. Livro de Resúmenes - XV Congreso Internacional de la ALFAL. Montevideo : Gega s.r.l., 2008. p. 150.
- VOGELEY, A.C.E. Aquisição e variação das vogais médias pretônicas. Tese de Doutorado. João Pessoa: UFPB, 2011.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança da linguística. São Paulo: Parábola, 2006.
- WETZELS, W. L. Mid Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese. Cadernos de estudos linguísticos, 23, p. 19 -56, Campinas, 1992.
- YACOVENCO, L. C. As vogais médias pretônicas na fala culta carioca. 1993. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

Recebido em: 18/03/2013; Aceito em: 20/05/2013